

XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-01 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

EPISTEMOLOGIA CRÍTICA E SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: 50 anos de uma escola dialética

Gustavo Silva Saldanha (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**CRITICAL AND SOCIAL EPISTEMOLOGY OF INFORMATION SCIENCE: 50 years of a dialectical
school**

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: A partir de 1968 se formaliza na França uma escola de pensamento que se confundirá com a própria institucionalização do campo info-comunicacional nos anos 1970, com ênfase nos estudos bibliológicos, repercutindo e reconstituindo as ideias de Gabriel Peignot, Nicolas Roubakine e Paul Otlet. Esta pesquisa, de fundo epistemológico histórico, investigou o processo de desenvolvimento de um modelo crítico e social de fundamentação do campo, de formação diacrônica e dialética, com ênfase na produção teórica deste coletivo liderado por Robert Estivals. A geração, que pode ser chamada de esquematista, ou bibliológica de quarta ordem, ou mesmo, estivalsiana, trouxe à superfície da epistemologia do campo uma visão crítica da historicidade informacional, a condição de vanguarda artístico-epistêmica como propulsora das ideias informacionais, a discussão dialética sobre a luta “de” e “das” classes no e através do campo, além do conceito de esquema como centralidade epistêmica no escopo informacional. A trajetória do estudo nos demonstra que tal movimento epistêmico se coloca, desde a sua origem, como um próprio construto dialético nas experiências de interpretação da fundamentação da Ciência da Informação no mundo, apresentando-se como uma alternativa crítica aos modos de compreensão de nossa epistemologia histórica.

Palavras-Chave: Robert Estivals; Revue de Bibliologie: schéma et schématisation; Escola Esquematista; Ciência da Informação – França; Epistemologia crítica.

Abstract: From 1968 a school of thought was formalized in France, confused with the institutionalization of the info-communicational field in the 1970s, with an emphasis on bibliological studies, echoing and reconstituting the ideas of Gabriel Peignot, Nicolas Roubakine and Paul Otlet. This research, of historical epistemological background, investigated the process of development of a

critical and social model of foundation, of diachronic formation, with emphasis on the theoretical production of this collective led by Robert Estivals. The generation, which can be called schematicistic, or fourth-order or even Estivalsian bibliology, presented a critical view of Information Science's historicity, the condition of artistic-epistemic vanguard as a propeller of informational ideas, the discussion dialectic on the struggle "of" and "with" classes in and across the field, the concept of scheme as epistemic centrality in the informational scope. The trajectory of the study shows that such an epistemic movement has since its origin been placed as a dialectical construct in the experiences of interpreting the foundations of Information Science in the world, presenting itself as a critical alternative to the ways of understanding our epistemology historical.

Keywords: Robert Estivals; Revue de Bibliologie: schema et schématisation; Schematist School; Information Science - France; Critical Epistemology.

1 INTRODUÇÃO À EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA: retornos à crítica historiográfica

Experenciar um outro modo crítico de problematizar a construção da Ciência da Informação (CI), eis o panorama amplo desta pesquisa. A argumentação parte de uma hipótese de Robert Estivals e caminha direção aos cinquenta anos de experimentação para confirmação desta hipótese. Essa linha hipotética afirma: o campo informacional nasce, do ponto de vista epistemológico, com Nicolas Roubakine (1998a,b), bibliotecário e teórico russo, expulso pelo czar de seu país por desejar educar as massas nas duas primeiras décadas do século XX, porém, com produção teórica e empírica iniciadas ainda no século XIX.

Essa, no entanto, não é apenas uma hipótese estivalsiana pós-1968, colocada aqui à teste na contemporaneidade. Trata-se, como o próprio epistemólogo co-criador das *sciences de l'information et de la communication*, ao lado de Jean Meyriat, Robert Escarpit e Roland Barthes na França nos lembrava antes de sua morte em 2016, de uma forma pensar o campo advinda do próprio Paul Otlet. O advogado belga foi leitor (influenciado por) e amigo do russo Roubakine - no *Traité de Documentation*, Otlet (1934) reconhecerá os trinta anos de pesquisa ali já realizados pelo russo em abordagens diretamente vinculadas ao pensamento bibliológico otletiano. Tais abordagens que viriam revolucionar o campo a partir do prisma francófono representavam trinta anos de pesquisa social via conceitos e métodos experimentados por Roubakine (1998a,b), atento às condições de formação dos leitores e do acesso ao conhecimento na Rússia opressora czarista e à procura de uma ciência para resolver tais questões de ordem não puramente epistêmica mas, estruturalmente, social.

É a partir deste panorama, de fundo estivals-otletiano, que esta pesquisa lançou o intuito de articular duas linhas convergentes de reflexões oriundas de um percurso discursivo da produção teórica em CI tecido em olhar brasileiro: uma de fundo epistemológico, outra de fundo histórico. O foco mais amplo esteve em compreender a construção de tradições de pesquisa, escolas de pensamento e territórios “invisíveis” de elaboração e de partilha de conceitos no escopo do pensamento informacional.

Do ponto de vista formal-institucional, os resultados aqui apresentados são fruto do estágio pós-doutoral desenvolvido na França, no período de agosto de 2017 e julho de 2018. O horizonte focal do estudo, retomando os estudos de Saldanha (2016, 2015) sobre o percurso bibliológico de origem francófona, se encontra na obra e nas ideias de Robert Estivals, reconhecido como nome central, agregador e articular de uma escola de pensamento, marcada pela publicação da *Revue de Bibliologie*, iniciada em 1968 e findada em 2016. A estrutura do corpus foi recolhida a partir do Fundo Meyriat, disponível na cidade de Toulouse, na França, e na *Maison de l’Écrit*, em Noyers, também no território francês.

2 EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA COMO ABORDAGEM INTEGRADORA

A proposta epistemológico-histórica desenvolvida aqui e em pesquisas anteriores está ligada a uma preocupação de fundar uma abordagem integradora sob a via da historicidade, cujo jogo de limites está em questionar, via um olhar crítico, as fraturas das narrativas de invenção do campo. Sob uma via pragmática, interessada em perceber onde os discursos de definição (espelhamento conceitual esquemático da totalidade dos construtos teóricos do campo) e de demarcação (fronteiras disciplinares) do campo se apresentam à luta por afirmação, pela sobrevivência deste ou daquele foco teórico-metodológico, nós colocamos em cena a problematização de diferentes cenários silenciados no campo.

Trata-se de apontar para os “aceleramentos” de dadas fundamentações cronológicas e demonstrar as escolhas de fundo sociopolítico usadas para cristalizar determinados fatos, e apagar as confrontações em curso, bem com a pluralidade de outras tantas e quantas linhas de luta por emancipação epistêmica. A paisagem da própria guerra terminológica, que provém do século XIX, pela macronomenclatura do campo, representa a pauta inicial central deste questionamento. As disputas entre nomenclaturas como *librarianship*, *bibliology*,

bibliography e *bibliophilia*, até o final do Oitocentos, são uma demonstração dessa guerra inicial, posteriormente acrescida pelas noções de *documentation* e os compostos que virão utilizar o termo *information* a partir de meados do século passado.

Neste contexto, a epistemologia histórica aqui desenvolvida reencontra o papel da historicidade na formação não apenas das ciências humanas e sociais, como da própria científicidade, acompanhando a noção de vivências de Wilhelm Dilthey (2010). Sob a via da construção do mundo histórico da CI, percebemos como as lutas epistêmicas se dão a partir de categorias dinâmicas da vida social, após compreendidas sob o fundamento da historicidade destas vivências, seus contextos de formação e de reprodução.

Iluminamos e centralizamos nosso olhar, no resultado da etapa de pesquisa, para o desenvolvimento de uma perspectiva crítica a partir da tradição francesa, fundada e coordenada ao longo de cerca de cinquenta anos por Robert Estivals. Esta tradição é responsável por uma produção intensa de conteúdos (livros e artigos científicos) a partir dos anos 1960, com foco em dimensões singulares da CI, no plano terminológico e no aplicado.

Interessa-nos neste momento reconhecer e discutir, a partir de categorias teóricas pré-delimitadas, a construção da perspectiva de uma teoria crítica e social como sustentáculo da fundamentação epistemológica do campo informacional, pano de fundo da longa tradição da geração bibliológica. A epistemologia histórica se desenvolve, pois, sob a via diacrônica, como uma abordagem integradora capaz de nos guiar pelo percurso que concebe a teoria do conhecimento da geração de Robert Estivals e que permite a mesma produzir e multiplicar seus conceitos, métodos e intervenções no mundo social.

3 DIMENSÕES HISTÓRICO-TEÓRICAS DA PESQUISA: 1968 e a economia política da epistemologia em jogo

O ano de 1968 em geral é figurado na CI pelos desdobramentos do processamento eletrônico. No mesmo âmbito, encontramos em geral os discursos de um tipo de modelo estadunidense de invenção da CI, marcado pelo neopositivismo (a estrutura teórica capaz de justificar e apresentar modelos claros para o mecanismo informacional emergente naquele contexto) e pela compreensão de uma centralidade epistemológica da informação. Para além disso, no plano geopolítico, essa discursividade é dada pela posição hegemônica do pensamento estadunidense, ali fornecedor de uma dada literatura para os discursos fundacionais do campo, paralela à afirmação da língua inglesa como plataforma da fala

científica, confluência esta no plano da historicidade da epistemologia do campo que contribui sobremaneira para a afirmação de tal hegemonia. A condição de invenção de marcos cronológicos da história da CI passa, pois, a ganhar nessa literatura sua consagrada narrativa de origem e de desenvolvimento.

A escolha por um tipo de narrativa vitoriosa nos processos historiográficos é reconhecidamente um problema nas análises diacrônicas. Essa condição problemática pode ser significada via diferentes linhas de argumentação crítica. Duas aporias imediatamente saltam aos olhos: a) a anulação de tradições locais; b) a reprodução de cronologias acríticas. Essas dimensões ganham com a tradição fundada por Robert Estivals uma dupla condição crítica: a primeira, o reconhecimento de uma formação contínua, produtiva e epistemológica (ou seja, reflexiva, com foco na discussão da formalização do campo), como uma alternativa às formalizações hegemônicas e suas reproduções; a outra, a condição do próprio conteúdo da tradição bibliológica, ou seja, uma tradição que se desenvolve no mesmo contexto temporal do discurso estadunidense, porém com uma abordagem consideravelmente distinta, em outros termos, como uma oposição ao ponto de vista de uma ciência neoliberal para refletir a informação.

Os argumentos que levam à esta diferenciação e ao possível marco de oposição ao pensamento estadunidense podem aqui ser sintetizados. Retomando, 1968 representa o ano do desdobramento do discurso estadunidense e, no mesmo ano, surge o primeiro número da então denominada *Schéma et Schématisation*, revista francesa fundada por teóricos, profissionais e artistas, coordenada por Robert Estivals. Esse número não inaugura em termos contextuais (ou seja, a reunião das ideias e do imaginário), mas representa o discurso consolidado de um grupo de vanguarda artística e epistêmica que adentrava a universidade com foco na relação entre teoria da arte e teoria do conhecimento (esta última, o conhecimento dedicado à exploração crítica do pensamento otletiano a partir do principal conceito epistemológico – isto é, da filosofia à própria nomenclatura do campo - adotado pelo advogado belga ao longo do *Traité de Documentation*, a saber, “bibliologia”).

A procura por essa teoria geral que estabelece as possibilidades de relação entre arte e conhecimento no escopo do que chamamos “ciência da informação” (um olhar sobre os modos de produção, de organização e de disseminação do conhecimento, integrando a compreensão de seus produtores, mediadores e usuários sobre a vivência de tal conhecimento) se desenvolve a partir de 1968 constituindo uma vasta escola que abrigará os

discursos que vão da França à Rússia, passando por tradições do leste europeu e avançando pelo norte da África, repercutindo e fomentando a produção do conhecimento em escolas desconhecidas ou silenciadas pela esfera anglófona internacional que se segue à publicação de Harold Borko (1968), com o artigo *Information science: what is it?* – uma repercussão dos trabalhos de Robert Taylor nos encontros de 1961 e 1962 do Instituto de Tecnologia da Georgia, nos Estados Unidos.

Faz-se relevante observar duas dimensões aqui: uma, colocada na própria categoria analítico-discursiva do ano de 1968; a outra, desdobrada desta, vinculada às escolhas epistemológicas do campo sob a via da hegemonia de uma economia política da teoria do conhecimento que se estabelece na CI. Uma dimensão ajuda a compreender a outra, reforçando-se mutuamente e dando-nos a estrutura interpretativa necessária para compreender a dinâmica de abertura para outros horizontes de compreensão epistemológico-histórica do campo.

A dimensão do ano de 1968 nos convoca uma análise da compreensão das configurações simbólicas de um período de contestação, de revoltas estudantis e de aparecimento da abertura de fraturas críticas sob os mais diferentes discursos de minorias e de maiorias minorizadas. Estamos tratando de um contexto revolucionário no plano político e social e, quando encaramos a formação do campo informacional neste momento, percebemos que está justamente na tradição estivaliana justamente a aderência a esse processo contestatório. Por sua vez, ao contrário deste discurso, a proposta de uma “natureza” epistêmica da informação dada no texto de fundo tayloriano de Harold Borko em 1968, avança na direção contrária à compreensão do contexto social em ebulição e das denúncias e reinvindicações do movimento de maio de 1968 (junto de seus desdobramentos).

A segunda dimensão está, pois, colocada no mesmo contexto crítico da historicidade e das vivências do campo: uma economia política da epistemologia claramente nos apresenta a configuração do desenvolvimento de uma *episteme* neoliberal, no contexto da Guerra Fria, aderente, sim, ao seu espaço-tempo, mas com foco na indústria armamentista e na falácia da livre economia (sustentada por estruturas rígidas de controle dos estados hegemônicos, coordenados pelos Estados Unidos a partir do fim da Segunda Guerra Mundial). A linhagem, pois, de uma narrativa epistemológica crítica não apenas aos objetos do próprio campo informacional, como também à estrutura de formação neoliberal do pensamento informacional é horizonte da tradição estivaliana e de seus 50 (cinquenta) anos de produção

de ideias, de aplicação de métodos e do desenvolvimento de teorias para estudos informacionais.

4 TRAVESSIAS METODOLÓGICAS: uma longa viagem ao coração da crítica bibliológica

A construção desta pesquisa perpassa um período preliminar de aproximação, de sondagens e de exploração do pensamento esquematista e da escola fundada por Robert Estivals. Esse percurso reúne as recentes condições socioepistêmicas brasileiras de relação com o pensamento francófono-francês, notadamente a partir de 2008, o contato com o próprio Robert Estivals, em 2014, e a construção de categorias analíticas e discursivas para a compreensão da tradição em questão no espaço-tempo de apropriação do corpus, entre 2017 e 2018.

4.1 Antecedentes: a preparação do percurso da pesquisa

Os antecedentes desta pesquisa e seu modo de construção respeitam duas direções complementares: o desenvolvimento e a formalização da Rede Franco-Brasileira de Pesquisadores em Mediação e Usos Sociais dos Saberes e da Informação (Rede Mussi), atualmente com 10 (dez) anos de atuação; a pesquisa em epistemologia e história da CI, mais especificamente em epistemologia histórica, no contexto brasileiro e seu papel no contexto internacional.

- a) A primeira abordagem sustenta a possibilidade de (re)encontrar cenários de diálogo e de formação com uma epistemologia francófona-francesa, co-fundadora de perspectivas no cenário brasileiro (como o caso da influência de nomes como Paul Otlet, Suzanne Briet e Jean-Claude Gardin ao longo do século XX no Brasil, principalmente a partir do contexto institucional do Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP -, primeiramente, e, posteriormente, do surgimento do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação). A abertura possibilitada pela Rede Mussi, via sua documentação e a dinâmica de seus encontros, funda ainda a margem para reconhecer os desdobramentos da geração institucionalizadora do campo na França – as chamadas *sciences de l'information et de la communication* – pós-anos 1970. Essa perspectiva integra as abordagens clássicas deste contexto, como os trabalhos já mencionados de Jean Meyriat, Robert Escarpit e Robert Estivals, além de Roland Barthes, bem como o desenvolvimento posterior de pesquisadores como Yves Jeanneret, Jean Davallon, Patrick Fraysse, Viviane Couzinet. Notadamente a partir desta última, ou seja, da perspectiva histórica de

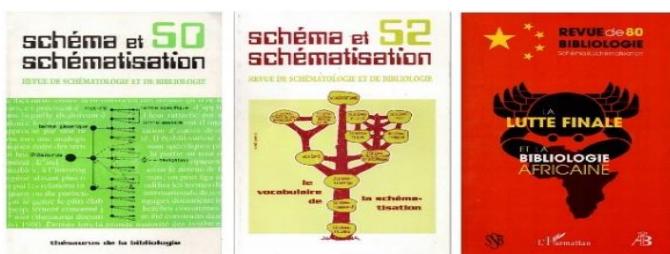
Couzinet (2011, 2009, 2008), podemos entrar em contato com o cenário de disputa e de conformação do campo info-comunicacional francês após a sua formalização institucional, ou seja, no discurso pós-Otlet-Briet na França;

- b) A segunda abordagem responde pela perspectiva debatida acima, ou seja, o papel da repercussão de uma epistemologia histórica, integrando um movimento de suspeição sobre os macroconceitos disciplinares do campo, como “bibliografia” e “bibliologia”, e outros conceitos com considerável potência no contexto do interior do meio disciplinar, como “documento” e “esquema”. Essa discussão, presentes no trabalho de Couzinet (2011), mas raramente trabalhadas em sua perspectiva crítica em relação à dinâmica dos macroconceitos em luta por afirmação, torna-se aqui flagrante quando do uso epistêmico do termo “bibliologia” por uma geração não apenas “histórica”, ou seja, a tradição oriunda da relação Peignot-Otlet, mas por uma coletivo de pesquisadores contemporâneos.

4.2 Primeiras evidências empíricas: do contato com Robert Estivals ao corpus

No plano empírico, o passo formal desta pesquisa tem início em junho de 2018, no contato com Robert Estivals e Danièle Estivals. A procura inicial estava relacionada à ausência de fontes no território brasileiro referentes à perspectiva bibliológica fundada sob a centralidade do nome de Robert Estivals, entre Paris, Bordeaux e posteriormente na cidade de Noyers na região da Borgonha, na França. Registra-se neste momento inicial do estudo a ausência completa de números da *Revue de Bibliologie: schéma et schématisation*, porta-voz da geração bibliológica a partir dos anos 1960, no Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A partir deste dado, a título de verificação, entre 2012 e 2014, foram feitas revisões nas bibliotecas ligadas direta ou indiretamente aos Programas de Pós-graduação em CI do Brasil. O resultado foi o mesmo: ausência completa de números (ainda que esparsos) da publicação nestes ambientes.

Figura 1 – Três momentos distintos da *Revue de Bibliologie*; junho, 2018.



Fonte: Acervo do autor.

A partir da constatação acima, em 2014, em Paris, entramos em contato com a *Association Internationale de Bibliologie*, com o intuito de adquirir números conceituais e históricos (as primeiras edições) da *Revue de Bibliologie*. É neste contexto que Danièle Estivals e Robert Estivals, recebendo nossa chamada, indicam a possibilidade não apenas de acesso à publicação, mas também de estabelecer um diálogo sobre o interesse brasileiro no estudo da produção da escola de pensamento orientada por Robert Estivals. A partir deste diálogo, ocorrido em junho de 2014, foi possível realizar uma entrevista semi-estruturada com o pesquisador, com foco na composição do *corpus* preliminar para uma futura pesquisa. As questões centrais estavam orientadas para as macroabordagens epistemológicas (a relação entre teoria da arte e teoria do conhecimento) e a repercussão do pensamento da geração bibliológica.

Em 2017, formalizamos a pesquisa com foco no estudo do desenvolvimento desta tradição, orientada para a perspectiva da epistemologia histórica francesa, passando por seus fundadores, como Jean Meyriat, e chegando até a centralidade da escola de pensamento fundada por Robert Estivals. A estrutura central da pesquisa foi realizada no Fundo Meyriat, que possui como legatária a pesquisadora Viviane Couzinet, da *Université Toulouse 3 Paul Sabatier*, em Toulouse, França. Especificamente, o *corpus* foi reconhecido a partir dos dados disponíveis no próprio Fundo Meyriat, presente na biblioteca da *École Nationale Supérieure de Formation de l'Enseignement Agricole* (ENSFEA), suplementados pelo acervo do *Centre de Documentation et de Recherche en Sciences Humaines et Sociales* (CDRSHS-UPS) do *Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales* (Lerass), também em Toulouse. O período de coleta dos dados empíricos se deu entre agosto de 2017 e março de 2018, e contou ainda com a visita técnica ao *Maison de l'Écrit*, fundada por Robert Estivals, na cidade de Noyers.

4.3 Ancoragem epistemológica: o olhar das semelhanças na família epistemológica

Convocando a argumentação epistemológica de Wittgenstein (1979), estabelecemos aqui o uso da teoria pragmatista (Wittgenstein de segunda ordem) com foco na apropriação da epistemologia como forma de vida, e de uma teoria das regras (contra a máquina rígida) das leis, como forma de perceber a dinâmica das relações teóricas em um dado campo. Assim, reconhecendo, pela via do conceito wittgensteiniano de “semelhanças de família”, que existem construtos em jogo na linguagem (aqui, aproximamo-nos ainda do clássico conceito

de “jogos de linguagem”, das Investigações Filosóficas), faz-se necessário estabelecer as margens fronteiriças de similitudes que tendem a confundir a demarcação do campo e isolar correntes estabelecendo falsas dicotomias e ultrassincronias na revisão historiográfica.

O foco desta abordagem aqui está na dimensão macroepistêmica da terminologia do campo. Existem inúmeras linhas de identificação de semelhanças de família e de sobreposições no contexto das nomenclaturas do campo. Estamos aqui diante da centralidade do conceito de “bibliologia”, como marca da definição epistemológica da disciplina, segundo o pensamento não apenas de Robert Estivals, mas de seus antecessores epistemólogos, Paul Otlet (este, aquele quem mais adota e demarca o conceito como a forma adequada de tratar a disciplina), Nicolas Roubakine e Gabriel Peignot.

Se as linhas de investigação, conceitos e métodos como “informação”, “estudo de bibliotecas”, “bibliometria”, “comunicação científica”, “informação”, “documento”, se constituíram em solo estadunidense sob as expressões *library science, library and information science* e *information science*, conforme cada tradição de pesquisa das universidades dos Estados Unidos, os mesmos objetos, os mesmos conceitos e métodos, são trabalhados na escola fundada por Robert Estivals a partir da noção de *bibliologie*.

4.4 Algumas notas sobre o vocabulário da pesquisa

A construção dos modos de olhar e dos processos que nos levam à análise do desenvolvimento de uma epistemologia crítica para o campo a partir do coletivo coordenado por Robert Estivals demanda o delineamento de algumas noções-chave, a saber:

- Escola: no plano conceitual, a noção de escola aqui adotada responde pelo desenvolvimento de um coletivo de sujeitos, instituições e realizações (eventos e publicações científicas) dedicado a um conjunto de objetos de estudo comuns. Essa condição pode ser visualizada de modo direto na formação do coletivo tomado como centralidade desta pesquisa: a partir da relação com conceitos como bibliologia, esquema, esquematismo, esquematização, informação, documento, um grande grupo de sujeitos da França, do leste europeu e da África francófona se reuniu ao longo dos últimos 50 anos para produzir e apresentar resultados de pesquisa, além de ações profissionais, a partir dos conceitos citados;
- Escola esquematista ou bibliológica de quarta ordem, ou, ainda, escola estivalsiana: o vocabulário que determina a construção de uma lente sobre o movimento é aqui significado por três noções semelhantes, ainda que não idênticas. A escola esquematista responde pelo movimento que, em um primeiro momento, manifesta-se como uma vanguarda artística. No entanto, seu desenvolvimento é marcado pelas

interrelações e pelas sobreposições com uma teoria do conhecimento para o campo informacional. Em outros termos, retomando o léxico de Gabriel Peignot e de Paul Otlet, o grupo fundamenta a construção de uma unidade crítica que reúne teoria da arte e epistemologia informacional. Por sua vez, exatamente nesse diálogo histórico entre Peignot e Otlet, estamos diante de um pensamento que se consolida pelo conceito disciplinar de “bibliologia”. A posição de Robert Estivals está relacionada à tradição de apropriação deste conceito, porém incluindo um terceiro renome histórico, a saber, Nicolas Roubakine e sua bibliopsicologia. Com isso, a construção de tal movimento também pode ser reconhecida como “bibliológica de quarta ordem”. Por fim, tal geração esquematista não se esgota, porém ao mesmo tempo jamais se afasta, conforme a produção da *Revue de Bibliologie* e de outras dinâmicas discutidas por ela, no nome de Robert Estivals. Desta maneira, se constitui um dado movimento que também poderia ser significado como escola estivalsiana, coberto pelo conceito epistemológico de “bibliologia” e fundamentalmente constituído com o foco no conceito de “esquema” e na teoria da “esquematização”;

- Informação e comunicação, conceitos e campos: a dinâmica da produção do conhecimento no campo informacional francês (em parte, seria mais adequado dizer, no campo documentalista) ganha historicamente uma especificidade, a saber, a forte relação no plano político entre comunicação e informação. Os conceitos, no entanto, não se confundem, nem as disciplinas que os mesmos tendem a engendrar. O discurso de Robert Estivals e da geração esquematista é claro neste aspecto: ao primeiro olhar, o vocabulário nos leva à relação entre comunicação e informação como sobreposição e, muitas vezes, como unidade semântica de uma mesma esfera. No entanto, precisado o discurso, posicionado seu foco e sua recepção, temos um contexto de demarcação de que o que estamos a tratar aqui é um modo de reconhecer a comunicação e a informação sob o ponto de vista de um território, que não é o da “Comunicação social” como conhecemos no Brasil. Isso não anula os intercâmbios, as trocas, as possibilidades de co-interpretação, mas em momento algum, de fato, define tal unidade. Desta maneira, quando Estivals opta por trabalhar com a noção epistemológica clássica de Paul Otlet e de Gabriel Peignot, a saber, “bibliologia”, o pesquisador está a constituir um lastro epistemológico-histórico, um assentamento discursivo clarividente, sem margens para hipóteses de sobreposição;
- A Bibliologia como macrodisciplina das *sciences de l'information et de la communication*: desdobrado do ponto anterior, encontramos, como dito, a macronoção peignot-otletiana “bibliologia”, desenvolvida entre 1802, quando da publicação do *Dictionnaire Raisonné de Bibliologie*, e 1934, com o *Traité de Documentation*. Trata-se, de um lado, de uma disciplinarização clara que vai da “ciência do livro” (PEIGNOT, 1802), à “ciência do livro e do documento” (OTLET, 1934) à “ciência da escrita” (na mais plural acepção e no mais crítico uso da noção de escrita passível de serem desenvolvidos). Porém, o risco de um nominalismo cego à pragmática das macrodefinições no plano epistemológico pode nos levar a grandes

equívocos aqui. A noção “bibliologia” se constitui de modo amplo, aberto e dinâmico, como sua historicidade entre Peignot e Estivals demonstra. Não se trata de uma categoria fechada em conceitos como “livro”, “documento” e “escrita”, ou ainda, “esquema”, mas uma ampla denominação que viria abarcar todo o campo informacional ou, no mínimo, se estabelecer como sua disciplina central no plano epistemológico.

5 UM LONGO PERCURSO: 50 anos de produção crítica e social na epistemologia da Ciência da Informação

A construção do pensamento da escola esquematista deve ser separado, em nossa interpretação, sob a via de uma epistemologia histórica, em dois momentos, a saber, o reconhecimento do lastro crítico-científico da formação do campo (distante do modelo historiográfico estadunidense), que retoma a obra e a experiências empíricas de Nicolas Roubakine; e a geração esquematista propriamente dita, capitaneada por Robert Estivals a partir do final dos anos 1960. No plano diacrônico que nos traz à uma epistemologia crítica do campo, esse seria o caminho coerente para a compreensão das semelhanças de família entre as abordagens integradoras do campo ao longo da historicidade da CI.

5.1 De volta à Roubakine: percursos de uma tradição epistemológica crítica

A fundamentação do campo, sob a via da escola bibliológica esquematista está fundada, já, em uma epistemologia histórica, no modelo como aqui procuramos reconhecer na estrutura teórico-metodológica da pesquisa. Trata-se do reconhecimento da formulação pioneira de fundo epistemológico de Gabriel Peignot (1802a,b) como primeira procura de apresentação reflexiva do campo tecida pela leitura estivalsiana. Em seguida, também com o teórico francês contemporâneo, encontramos a marca bibliológica propriamente dita científica de Nicolas Roubakine (1998a,b), seguido por Paul Otlet (1934). Nesta configuração, a geração de Robert Estivals constituiria uma quarta escola bibliológica, a partir dos anos 1960.

Como visto, o destaque, no entanto, no plano epistemológico histórico, é dado pela tradição estivalsiana a partir de Nicolas Roubakine (1998a,b). Para esta visão, estamos diante de um pensamento epistemológico dedicado à sistemática teórica e empírica do modelo científico moderno, o que configuraria na visão estivalsiana o nascimento formal da científicidade do campo. Esta posição, controversa dentro da discussão epistemológico-

histórica do campo, torna-se mais aguda quando somada à verificação de uma evidência teórica propriamente dita: não tratar-se-ia apenas, segundo Robert Estivals (1975), da primeira escola científica do campo, ou seja, a escola roubakiniana ou escola russa, mas fundamentalmente de uma escola crítica, orientada para a luta social, para a transformação das massas do proletariado russo.

Otlet (1934) retoma a publicação francesa de 1922 de Roubakine (1998a,b), *La psychologie bibliologique*, para indicar a relevância dos estudos sobre o leitor realizados pelo teórico russo entre o final do século XIX e o início do XX. Está na leitura otletiana a demarcação do papel epistemológico – a fundamentação científica – oriunda de Roubakine para o campo, ou seja, a formação de uma ciência fundamental para compreender não apenas o mundo dos livros, mas o universo de todas as ciências do homem e dos seus modos de exposição e de apropriação dos saberes em circulação.

A partir da procura por leis específicas que regem no mundo social as trocas comunicacionais, Otlet (1934) demonstra como uma ciência da linguagem, ligada ao comportamento verbal, pé estruturada no meio social (e, logo, por ele condicionada historicamente). Do ponto de vista das configurações históricas posteriores, como o foco de uma dada *information science* no centralidade do campo orientada para os estudos da comunicação científica (os produtos verbais da ciência), a posição de Otlet (1934) e, principalmente, de Estivals (1975) sobre a obra de Roubakine remonta mais uma vanguarda epistêmica: uma de suas principais preocupações está na compreensão do modo como eram desenvolvidos e como podiam ser vulgarizados os saberes constituídos pela ciência.

Em termos diretos, a leitura epistemológico-histórica de Estivals (1981, 1977, 1974) colocará que o campo não se formou cientificamente apenas com Nicolas Roubakine, mas se constituiu fundado na perspectiva social. Os diferentes caminhos para o desenvolvimento futuro do campo se justificariam através de escolhas locais, regionais e internacionais, porém a escolha das narrativas poderia estabelecer leituras completamente distintas. Assim, nas evidências deste estudo dois argumentos são fundamentais para o desenvolvimento de uma teoria crítica da CI, ou, uma epistemologia de fundo social e crítico segundo a tradição francófona, via uma origem epistêmica russa:

- O fato epistemológico histórico de seu nascimento: teria sido com Nicolas Roubakine (1998a,b), a partir de uma abordagem quantitativa e qualitativa, sustentada por uma teoria orientada para a transformação social e para a

educação do proletariado, contra uma Rússia czarista, a partir do qual nasceria a própria epistemologia do campo, ou sua concepção científica propriamente dita;

- A contramão apresentada pela geração esquematista de 1968, liderada por Robert Estivals (1977, 1978, 1979), que se estabelece na procura pela revisão histórica do campo e, ao mesmo tempo, pela construção de uma conjunto de métodos e de teorias ancorado por abordagens críticas, sem constituir uma negação da epistemologia informacional (ou seja, sem afirmar-se outro campo; significa dizer que estamos diante de uma escola que se constitui “no” campo para discutir “o próprio” campo em sua reflexividade epistemológica).

5.2 Frente a frente com Robert Estivals e seus esquemas dialéticos: uma epistemologia crítica e social para a Ciência da Informação

A partir da trajetória preliminar da pesquisa e do mergulho na compreensão histórica desta produção do conhecimento no período agosto de 2017 a julho de 2018, a síntese das evidências da escola esquematista são abaixo apresentados. A primeira das observações está relacionada à condição relacional fundacional da epistemologia crítica proposta pelo coletivo entre teoria da arte e teoria do conhecimento no espaço-tempo contestatório dos anos 1960. Desta, desdobram-se as condições sobre o olhar da luta de classes e um modo de lutar com as “classes” (no plano da teoria da classificação), ou, dito de outro modo, a luta das classes, seguido pela abertura crítico-metodológica da noção de esquema.

- Arte, vanguarda e revolução: a primeira categoria que demarca o papel da constituição de uma noção crítica de demarcação do campo está na posição espaço-temporal das problematizações da geração estivalsiana, a saber o contexto francês que antecede e que vivenciará o maio de 1968. As agendas libertárias e as primeiras críticas contra o neoliberalismo, entendido como a nova face dos mecanismos de exploração do capitalismo, terão no grupo uma de suas arenas de combate centrais. Não é estranho que junto do grupo estava Guy Debord e ambos, Estivals e Debord, participarão e debaterão nas revistas de vanguarda do contexto dos anos 1950. Essa é uma face fundamental do desenvolvimento de uma teoria crítica pelo ponto de vista da geração esquematista: era necessária uma nova arte, uma forma de expressão estética capaz de conter a alienação e abrir outras fronteiras para o pensamento e para a ação, um outro caminho para a revolução diante das novas armas do capitalismo. (ESTIVALS, 1978, 1977, 1976, 1975)
- Luta “de” classes: sob a teoria da esquematização, compreendida como sustentáculo de uma teoria bibliológica de fundo comunicacional, Estivals (1978, 1976) reconhece que os conflitos de classes sociais, segundo a abordagem marxista, se manifestam não somente no nível da língua escrita e da língua falada, mas também no plano

ideográfico. Assim, uma dialética da esquematização se torna fundamental para a compreensão dos fenômenos da luta social. As tentativas de uma teoria formalista do esquema se colocam na interrogação estivaliana como uma marca possível da sociedade liberal. Faz-se necessária, desta maneira, uma teoria sócio-histórica da esquematização, que coloca como central a constituição de uma sociedade industrial e a formação de uma superestrutura mental esquemática, desdobrando-se em uma linguagem que evolui da imagem ao esquema. A ideologia da classe dominante e a linguagem, segundo Estivals (1978), teses essas complementada pelas perspectivas teóricas e críticas à época da fundação da *Revue de Bibliologie*, de Moles (1968) e de Gaudy (1970), estão intimamente relacionadas tanto com a imagem, como por todos os domínios do signo. O movimento estético do esquematismo propõe provocar a perspectiva crítica contra as classes dominantes, fundando-se ao mesmo tempo como elemento epistemológico central para a sustentação de uma fundamentação bibliológica, ou seja, da própria epistemologia da CI. A esquematização se apresentaria como uma teoria interpretativa da sociolinguística, com vistas à criação de uma teoria sociopolítica da esquematização. A partir desta teorização, uma vez aplicada, sob a via de comprovação através da bibliometria, alcançar-se-ia as potencialidades de um esquema dialético e não alienante.

- A luta “das” e “com” as “classes” (via teoria da classificação): o longo percurso epistemológico, crítico e social sustentado pela teoria estivaliana nos coloca, em uma perspectiva panorâmica das pragmáticas de construção de um campo, diante das nuances da dialética epistêmica, ou seja, das lutas e da opressão no contexto de formação das ciências. Sob a via de uma compreensão simbólica e social do papel das classificações, Estivals (1990, 1981, 1978), junto de outros fundadores, do campo, como Meyriat, constituirão, a partir dos diálogos da *Revue de Bibliologie*, o espaço-tempo da luta pela formalização do campo info-comunicacional na França. Trata-se da luz à uma classificação da nova ciência e, ao mesmo tempo, de posicionar a classe – a terminologia macro e as microconceituações deste campo – na árvore do conhecimento francesa. Eis aqui uma ciência capaz de colocar em cena uma visão crítica do mundo. Nas palavras de Estivals (1978, p. 75), no artigo *Luttes de classe et schématisation*, “De la dialectique de la superstructure idéologique nous serons amené à mettre à jour celle de l’infrastructure économique et sociale puis à dégager le circuit de la superstructure idéologique dans l’ensemble de la réalité sociale de loisir et de travail”. Nessa luta “das” classes no terreno (dialético) da classificação, Ao lado de Jean Meyriat, Robert Estivals estabelecerá uma classificação do campo, apresentada em sua versão final em 1993, no livro *Les sciences de l’écrit : encyclopédie internationale de bibliologie*.
- A dialética do documento, ou, a caminho do documento simbólico-dialético: de modo pioneiro, diferentemente de Paul Otlet, Robert Estivals (1981, 1978, 1974) demonstra que o desenvolvimento da escola esquematista tece uma problematização pela via do método dialético (não aplicado apenas à dimensão da dominação, mas também ao

exercício crítico de perceber as contradições na formação de ideias e de práticas). (ESTIVALS, MEYRIAT, 1981). Em outros termos, trata-se aqui de identificar um exercício dialético para os estudos info-comunicacionais, ou seja, a dialética como um método para o campo, e, ao mesmo tempo, o documento como fruto de uma produção simbólica inserida no contexto da luta “de” classes e da luta “das” classes;

- O esquema crítico por vir: a história da geração esquematista pode ser sintetizada na relevância do conceito de esquema. A noção integra as perspectivas teóricas e metodológicas do *devir* do campo info-comunicacional no ponto de vista de Robert Estivals. Essa linha de argumentação permitida pelo conceito de esquema demarca a abertura disciplinar e dos diálogos teóricos com correntes artísticas, cognitivas, tecnológicas, políticas e econômicas, atravessando os diferentes territórios teóricos do campo – por exemplo, indo da classificação à bibliometria -, e atingindo suas fronteiras. A direção dialética está na busca pelo esquema anti-capitalista, a permanente reconstrução do mundo simbólico opressor a partir das ferramentas críticas permitidas pela Bibliologia, sendo o conceito de esquema seu meio e seu fim. (ESTIVALS, 1979, 1976, 1975);
- A “casa” da Ciência da Informação como um memorial epistemológico crítico-social: em paralelo ao resultado da produção teórica e artística da geração esquematista, espelhada e fomentada na *Revue de Bibliologie*, Robert Estivals e sua geração constituíram um centro de estudos que abrange um museu, uma biblioteca, um centro de documentação e um arquivo com dados históricos produzidos ao longo de 50 anos de luta epistêmica, artística e social. A instituição, situada na pequena cidade de Noyers, resulta na *Maison de l'Écrit*, reflexo da complexidade histórica e da racionalidade crítica que envolve o meio século de pesquisa do grupo.

Figura 2 – Portal de entrada da cidade de Noyers, Maison de l'Écrit e fachada do edifício, com destaque para renomes do marxismo e do comunismo e a “fórmula”: “Bibliologie = science + écrit + arte = Schématisation.



Fonte: Acervo do autor. Junho, 2018.

Figura 3 – Entrada da coleção de reserva técnica da Maison de l'Écrit; junho, 2018.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 4 – Sala Karl Marx da Maison de l’Écrit, com destaque para as pinturas do esquematismo e dos nomes de Naudé, Peignot, Roubakine e Otlet; junho, 2018.



Fonte: Acervo do autor.

As teses de fundo materialista-histórica de Robert Estivals e da geração esquematista marcam a construção de uma CI orientada para a luta social e a compreensão do papel de opressão dos discursos hegemônicos dentro da sociedade. Essas abordagens podem ser vislumbradas, pelo ponto de vista dos argumentos epistêmicos, como diálogos diretos e indiretos com Marx, Bakhtin e Bourdieu, para ficarmos em três linhas de reflexão crítica que se tornam fundamentais para interpretação aprofundada das teses estivalsianas. O percurso desta construção permanece aberto às indagações e ao potencial de reconstituição de um modelo historiográfico da CI no âmbito internacional, com foco na compreensão do elo crítico entre estética, política e epistemologia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do estudo nos demonstra que tal movimento epistêmico se coloca, desde a sua origem, como um próprio construto dialético nas experiências de interpretação da fundamentação da CI no mundo, lançando-se como uma alternativa crítica aos modos de compreensão de nossa epistemologia histórica. Trata-se da argumentação que reposiciona a epistemologia do campo, descortinando a econômica política da ciência que atua sob e sobre a vivência acadêmica.

A perspectiva da historicidade diacrônico-dialética condicionada à formulação do discurso esquematista no escopo da epistemologia informacional demonstra, com clareza e coerência, o percurso de construção do pensamento desenvolvido pelo grupo coordenado por Robert Estivals a partir de 1968. Trata-se do permanente reconhecimento, no plano epistemológico, do papel de Gabriel Peignot, de Nicolas Roubakine e de Paul Otlet para a invenção do campo.

As muitas aberturas para as análises (auto)críticas sobre o movimento nos deixam, pois, um conjunto rico de margens a investigar. Uma destas é a posição estivalsiana diante do potencial epistêmico do campo advindo de Nicolas Roubakine. A hipótese nos parece, no plano da epistemologia histórica, mais uma fonte inesgotável de revisão crítica do percurso de fundamentação do campo, porém não se esgota em sua afirmação, dada exatamente a complexidade espaço-temporal que a mesma nos abre.

Outra questão que nos é flagrante é o risco de consagração desta tradição. A escola esquematista carece de visibilidade não apenas pelo seu olhar crítico, mas para uma dada hermenêutica que busca não apenas as contradições antevistas por ela, mas também pelas contradições em vê-la. Existem problemas inerentes à formação do pensamento de Estivals e dos pesquisadores da geração, cuja amplitude de formação e de aderência e de afastamento do grupo nos coloca diante de uma dinâmica muito aberta e de difícil demarcação.

A partir do argumento anterior, encontramos a “crítica do pensamento crítico” que se faz necessária. Observar o desenvolvimento de uma epistemologia crítica e social, sustentado por um discurso dialético, não resolve nossa procura por uma epistemologia histórica, capaz de nos fazer surpreender com a dinâmica teórica e metodológica do campo. Trata-se de mais um indício para reconstituir permanentemente nosso exercício de transformação social e a função crítica plena, aberta às contradições, de nosso pensamento, bem como de desenvolver, a partir de abordagens integradoras, sob a mesma trilha epistemológico-histórica, recolhendo as conquistas de cada geração, o percurso dialético de nossa percepção do mundo social.

DEDICATÓRIA

Para Robert Estivals, Danièle Estivals e Viviane Couzinet.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

REFERÊNCIAS

BORKO, H. Information science: what is it?. *American Documentation*, jan, 1968. COUZINET, Viviane. Des pratiques érudites à la recherche: bibliographie, bibliologie. In.: *Approche de l'information-documentation: concepts fondateurs*. Toulouse: Cépaduès-Éditions, 2011. p. 167-186.

COUZINET, Viviane. Transmitir, difundir: formas de institucionalização de uma disciplina, *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 14, número especial, p. 5-18, 2009.

COUZINET, Viviane. Réprésenter, répertorier, transmettre: formes d'institutionnalisation d'une discipline. In.: *Colloque Médiations et Usages des Savoirs et de l'Information: un dialogue France - Brésil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. p. 63-81.

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ESTIVALS, Robert. (org.). *Les sciences de l'écrit: encyclopédie internationale de Bibliologie*. Paris : AIB; Retz, 1993.

ESTIVALS, Robert. Les systèmes politiques et la communication écrite. *Revue de Bibliologie : schéma et schématisation*, n. p. 7-13, 1991.

ESTIVALS, Robert. Les langages et leurs interrelations : quelques axes pour une théorie sémiologique de la communication. *Revue de Bibliologie : schéma et schématisation*, n. 33, p. 8-16, 1990.

ESTIVALS, Robert. A Dialética contraditória e complementar do escrito e do documento. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 121-152, set., 1981.

ESTIVALS, Robert. La bibliologie dynamique et épistémologique de Victor Zoltowski. *Schéma et schématisation : revue de la Société de Bibliologie et de Schématisation*, n. 11, p. 73-85, 1979.

ESTIVALS, Robert. Luttes de classe et schématisation. *Schéma et schématisation*, n. 9, p. 5-10, 1978.

ESTIVALS, Robert. Introduction à une échelle historique, artistique et politique de schématisation. *Schéma et schématisation*, n. 06, p. 93-100, 1977.

ESTIVALS, Robert. *Schémas pour la bibliologie*. Viry-Châtillon: Sediep, 1976.

ESTIVALS, Robert. Théorie générale de la bibliologie, *Schéma et schématisation*, n. 05, p. 5-32, 1975.

ESTIVALS, Robert. *Un sociocrate*. Cahiers du Schématisation, n. 2, 1974.

ESTIVALS, Robert; Meyriat, Jean. La dialectique de l'écrit et du document : un effort de synthèse. *Schéma et Schématisation: revue de la Société de Bibliologie et de Schématisation*, n. 14, p. 83-8, 1981.

GAUDY, Jean-Charles. Schéma fermé ou schéma ouvert – une tentative de bilan provisoir, *Schéma et schématisation*, n. 2, p. 60-69, 1970.

MOLES, A. Théorie informationnelle du schéma. *Schéma et schématisation*, n. 1, p. 22-31, 1968.

OTLET, Paul. *Traité de documentation*: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.

PEIGNOT, Gabriel. *Dictionnaire raisonné de bibliologie*, tomo I. Paris: Chez Villier, 1802a.

PEIGNOT, Gabriel. *Dictionnaire raisonné de bibliologie*, tomo II. Paris: Chez Villier, 1802b.

ROUBAKINE, Nicolas. *Introduction a la psychologie bibliologique*; v.1 Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998a.

ROUBAKINE, Nicolas. *Introduction a la psychologie bibliologique*; v.2. Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998b.

SALDANHA, Gustavo S. Sobre a Bibliologia entre Peignot, Otlet e Estivals: vertentes de um longo discurso “metaepistemológico” da organização dos saberes. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.25, n.2, p. 75-88, maio/ago. 2015.

SALDANHA, Gustavo S. A grande bibliologia: notas epistemológico-históricas sobre a ciência da organização dos saberes. *Transinformacao*, v.28, p.195 - 207, 2016.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.